

A Adoração dos magos na *BibliaPauperum*

Cintia Maria Falkenbach Rosa*
Universidade de Brasília

Resumo

Nos séculos XIV e XV circulavam livremente duas Bíblias na Europa: a Vulgata, uma bíblia em Latim e a *Bíblia Pauperum*, uma edição ilustrada, com pouco texto, destinada aos que não sabiam ler; um dos primeiros incunábulo ilustrados impressos na Europa, de autoria anônima e data de aparecimento estimada por volta de 1460. Este livro foi impresso artesanalmente na técnica da Xilogravura. Grande divulgador da Doutrina Cristã na Idade Média, cópias permaneceram conservadas até a atualidade. Nosso objeto de estudo é a página da Epifania que se encontra nessa Bíblia.

Palavras-chave

BibliaPauperum; Reis Magos, incunábulo; Xilogravura; Idade Média.

Adoration of the magi in the *BibliaPauperum*

Abstract

In the fourteenth and fifteenth centuries circulated freely two Bibles in Europe: the Vulgate, a Bible in Latin and the *BibliaPauperum*, an illustrated edition with short text for those who could not read; one of the first illustrated incunabula printed in Europe of anonymous authorship and date of appearance estimated around 1460. This book was printed by hand in the art of woodcut. Great popularizer of Christian Doctrine in the Middle Ages, copies remained preserved until today. Our object of study is the page of Epiphany in this Bible.

Key-words

BibliaPauperum; incunabula; Middle Ages; Woodcut; reproduction.

* Professora no Departamento de Artes Visuais na Universidade de Brasília, desde 1995. Este texto é parte componente da tese de Doutorado: "SEGUINDO A ESTRELA: A Adoração dos Reis Magos na construção de um novo espaço composicional na pintura italiana dos séculos XIV e XV". Capítulo 1.1 pág. 23-36, defendida em setembro de 2014. Orientada por Maria Eurydice de Barros Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Arte do Departamento de Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.



Figura 1 – *Biblia Pauperum*, incunábulo, c.1450, fólio C, Epiphania. *The Bible of the poor*. Edição fac-símile do incunábulo da Biblioteca Britânica (*blockbook C.9 d.2*).

No séc. IV da era cristã, São Jerônimo compilou vários dos livros das escrituras, redigidos em línguas como o grego e o hebraico, que circularam independentemente nos primeiros anos do cristianismo em uma versão traduzida para o latim, a qual foi denominada Vulgata. O nome Vulgata, termo que vem do latim, de *vulgatus*, -a, -um, adjetivo comum, e que se apresenta em sua forma feminina, *vulgata*, significa “comum, ordinária, habitual”. São Jerônimo assim a denominou em função do estilo de escrita do latim usado na sua tradução, um estilo bastante simplificado e cotidiano, se comparado ao estilo sofisticado de escrita do latim de mestres como Cícero.

Durante a Idade Média, o latim era a língua utilizada pelos monges que copiavam, em manuscritos, os livros utilizados pelo clero e também pelos professores universitários da Europa nessa época. Alguns monges passavam suas vidas dentro do monastério com seus afazeres diários; outros, os missionários, divulgavam a fé cristã fora destes mosteiros. Para uma sociedade que vivia de memórias orais, havia um pequeno senão que dificultava esse método: nem todos esses clérigos dedicados à missão de evangelizar eram tão versados em latim como se desejava. Por esse motivo, São Jerônimo escreveu essa tradução latina, a Vulgata, mais acessível para aqueles que possuíam menor erudição e pouco conhecimento do latim. No decorrer do tempo a Vulgata sofreu várias revisões, mas ainda é a base da Bíblia Católica atual. Assim, nos séculos XIV e XV, a Vulgata permanecia ativa como texto oficial dos evangelhos reconhecidos pela Igreja.

Além da Vulgata, também circulava nos séculos XIV e XV outra Bíblia que também tinha a chancela da Igreja: a *Biblia Pauperum* (fig.1). A *Biblia Pauperum* aparece no séc. XIII, ainda manuscrita.¹ O termo *Pauperum* vem do latim *pauper*, -eris, significando “pobre”. A palavra *pauperum* está declinada no genitivo plural, e nesse caso é o complemento para o nome Bíblia. *Biblia Pauperum*, portanto, significa “Bíblia dos pobres”, o que em realidade ela era, em muitos sentidos. Em cada uma de suas folhas, a redação do texto escrito, provavelmente retirada da Vulgata, era limitada a uma parcela ínfima do texto; a parcela maior da folha cabia às imagens. A Bíblia visava ajudar os monges itinerantes e clérigos mais desfavorecidos, econômica e intelectualmente, a converter fiéis para o cristianismo. Todas as folhas apresentavam cenas do Antigo Testamento junto a uma cena do Novo Testamento. As cenas do Antigo Testamento são prefigurações das cenas centrais do Novo Testamento, porque outra de suas utilidades era a de ser usada como instrumento de conversão para judeus que desejassem

¹Na edição fac-símile da *Biblia Pauperum* de Labriola e Smeltz, baseada no original da Biblioteca Britânica, na página 4 consta que muitos manuscritos do livro circularam antes do incunábulo. Os livros da *Biblia Pauperum* impressos e ilustrados em xilogravura na Idade Média começaram a circular nos Países Baixos por volta de 1460-1490.

cristianizar-se. A Bíblia não pretendia ser um livro erudito; ao contrário, era um compêndio de lugares comuns (Labriola; Smelts, 1995:3-10.)

A *Biblia Pauperum* foi concebida com um objetivo claro, e teve, na construção de suas imagens, um tratamento que se utilizava de categorias que estavam ligadas a questões como hierarquia, ordem, interesse, similitudes incomuns e repetição. A preocupação concentrava-se na ordem das coisas, no sentimento, nas associações e na meditação, ou na repetição intencional consciente de uma imagem mental, para uma memorização bem sucedida. Assim, a imagem apresenta-se superficialmente numa primeira vista, sem que se perceba de imediato a forma de uma cruz. A cruz é sugerida pela estrutura de arquitetura de construção das imagens que estão ligadas por cinco molduras retangulares menores, que se repetem regularmente em todas as páginas do livro (fig.1). Essas cenas representadas são bastante sugestivas e ligadas a acontecimentos do Pentateuco que prefiguram o nascimento do Messias-Rei Judeu. Essa forma de apresentação atende a todos os requisitos necessários para evocar um conteúdo cristão desejado. Ela é uma das imagens mais recentes de todas as imagens do conjunto de Natividades que aqui analisaremos; trata-se do fólio C, que representa a passagem da Epifania.

Esta Bíblia está muito além da qualificação de manuscrito ou mesmo de desenho único e original, porque possui um caráter particular: o de ser um múltiplo. Ela é um impresso reproduzido de uma matriz e não um exemplar único; é um dos múltiplos da edição de uma matriz, esta sim, única e geradora. Qualquer das páginas da Bíblia podia ser reproduzida diversas vezes. A Bíblia foi um dos primeiros incunábulo, ou seja, um dos primeiros livros xilográficos produzidos na Europa. As datas apontam para meados do séc. XV, bem próximo à invenção do tipo móvel por Gutenberg, por volta de 1460/90. Este livro, cujo intuito principal era contar por meio de imagens os dizeres do texto bíblico e que pretendia atender a um público que não sabia ler, não poupou esforços no sentido de passar a sua mensagem com a maior clareza possível, utilizando-se para isso das conhecidas regras que na época os tratados para a criação de uma memória artificial ensinavam. Elas podiam ser aplicadas à imagem, e duas das regras de memorização do tratado de São Tomás de Aquino², por exemplo, foram com certeza aplicadas a essa imagem. Também encontramos nas imagens uma ordem harmônica, o uso de hierarquia na construção da configuração da mesma, que já se encontra em pinturas de datas anteriores à da Natividade.

²As regras de São Tomás de Aquino previam procedimentos como o uso da ordem, da hierarquia e da repetição para serem aplicados à composição (YATES, 1966).

Ela nos mostra o quanto o posicionamento dos Reis Magos na imagem é fruto de uma tradição de representação que foi propositalmente perpetuada. A composição montada a partir de um bloco triangular no primeiro plano já configura a presença de um *loci*. *Loci*, local ou lugar, era o nome dado pelos tratados de memória, desde os da antiguidade, aos lugares onde a memória organizava dentro do cérebro os dados que classificava em categorias para guardar, agrupar ou dissociar em lembranças.

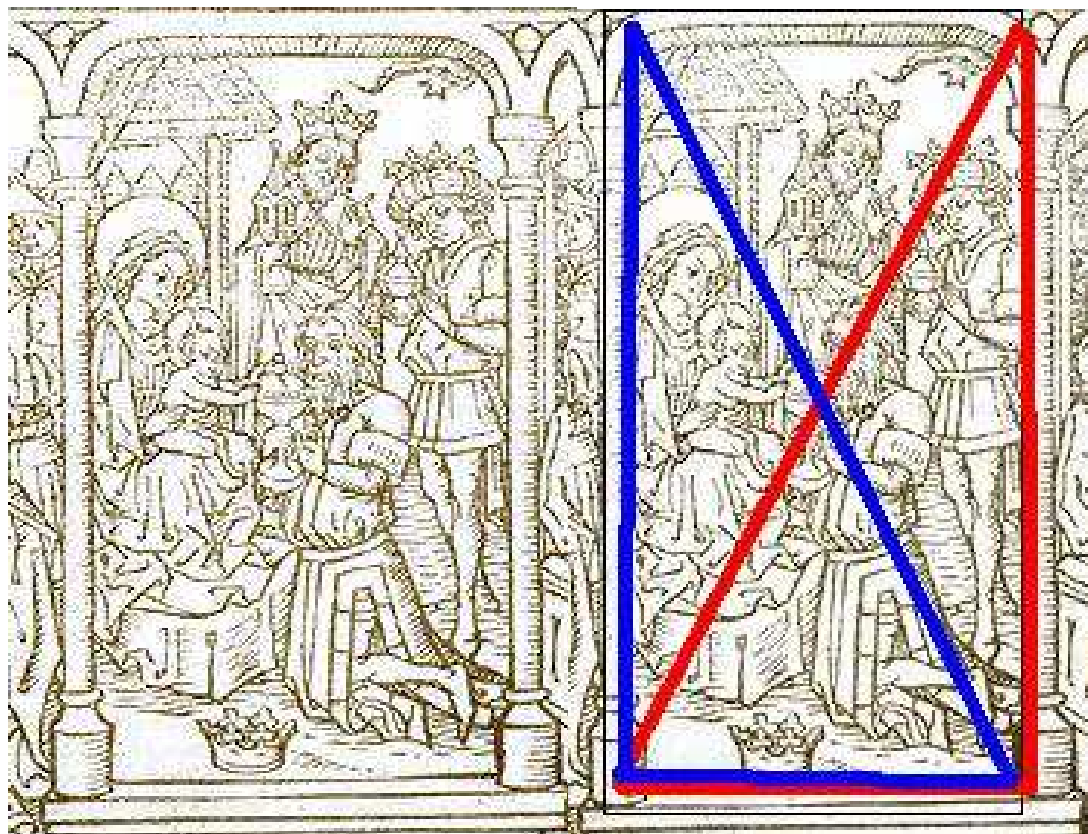


Figura 2 e Figura 3 – Cena da Adoração dos Magos. Detalhe central da página da *Biblia Pauperum*, incunábulo, c.1450, fólio C, Epiphania. *The Bible of the poor*. Edição fac-símile do incunábulo da Biblioteca Britânica (*blockbook C.9 d.2*).

Esses *loci* pretendiam, por meio de uma hierarquia, estabelecer afinidades entre as coisas que se tornavam objeto de memorização e executavam uma configuração de fácil acesso, para se armazenar na memória esses mesmos dados em forma de lembranças. Esse cuidado ao armazenar as memórias fornecia para esses mesmos conteúdos um caminho para acessá-los sem dificuldade. Na imagem dos Reis Magos (figs. 2 e 3), ao traçarmos os dois triângulos que julgamos orientar a composição, torna-se clara a configuração pretendida e como os elementos se organizaram no espaço de modo a proporcionar uma sensação de equilíbrio visual, componente inevitável do respeito às regras da geometria dos volumes sólidos.

Nesta mesma imagem da *Biblia Pauperum* (figs. 2 e 3) os três reis aparecem na ordem do relato atribuído a Beda, ou seja, no relato do Pseudo-Beda, que por sua vez baseia-se na sequência dos reis em caminhada, que aparece na imagem do Mosaico de Ravena do séc. VI (fig. 4).



Figura 4 – Os três Reis Magos. Mosaico de Ravena do fim do séc.VI. Basílica di Sant'ApollinareNuovo, Ravena.

Porém, no mosaico, o momento representado não é o mesmo que está representado na *Biblia Pauperum*. No mosaico os reis apresentam uma configuração curiosa, que faz com que suas pernas, que são seis, formem separadamente três triângulos. Os mantos de cada um deles, se decalcados em silhueta, também são três triângulos, assim como seus capacetes vermelhos, que remetem de imediato a essa figura geométrica. Caprichos da técnica do mosaico com a triangulação, ou configuração geométrica propositalmente escolhida pelas implicações da cifra três?

De volta à imagem do incunábulo na *Biblia Pauperum*, embora os reis estejam representados em outro momento e em outra configuração, a composição também segue orientando-se pela forma do triângulo, sendo o pé e a perna do rei ajoelhado usados como ponto de um e base horizontal do outro na construção dos triângulos invertidos circunscritos pelo quadrado (fig.3).

Em primeiro lugar vem o rei mais idoso, um ancião barbado e que está ajoelhado. Nas imagens do séc. XV, esse rei idoso normalmente é mostrado nessa posição e com a coroa fora da cabeça, no chão. Uma clara demonstração de submissão e reconhecimento da condição excepcional da criança que está a sua frente, que permanece serena, sentada no colo da mãe, mas que é a pessoa para quem são trazidas as oferendas, entre elas a que esse rei trouxe. Ele oferta ouro ao Menino Jesus.

Depois vem o mais jovem dos reis, um rapaz ainda imberbe, que está de pé, constituindo uma linha de fundo (um segundo plano horizontal na composição) desse triângulo. A ele foram atribuídos os calçados cor de jacinto da descrição do Pseudo-Beda; sua oferenda é o incenso. Colocado atrás deste, constituindo um terceiro plano, está o Rei Mago que completa o trio, um homem mais jovem que o ancião, porém mais maduro que o imberbe, que representa a parte mortal do homem, segundo a descrição no Pseudo-Beda. Ele oferece mirra ao Cristo. Esse terceiro rei carrega um cálice que mais lembra o topo de uma catedral, sem dúvida um cálice com uma configuração bastante exótica. Aqui está aplicada outra das regras de São Tomás, uma similitude incomum, a tampa de um cálice que mais parece um telhado com uma torre, assemelhando-se a uma catedral. A catedral é um símbolo da Igreja. A mirra atribuiu a Jesus o dom da cura. Sua medicina torna-se seu aposto e ele é chamado de médico de almas, remetendo a cura à Igreja, o lugar da devoção e da oração, que também é o lugar para a cura das almas.

Na versão da *Biblia Pauperum* está escrito: *qui cum misticismuneribusCristumadorabant. Misticismuneribus*, que pode ser traduzido para o português como “dons místicos”, ou oferendas místicas, que se referem claramente a dons espirituais, conteúdo evocado pela palavra *misticis*. A palavra *muneribus* vem de *munus*, *muneris*. Ela possui diversos significados, mas no contexto do texto da Bíblia ela deve significar: dar um presente, uma oferenda, um donativo ou um dom a alguém.

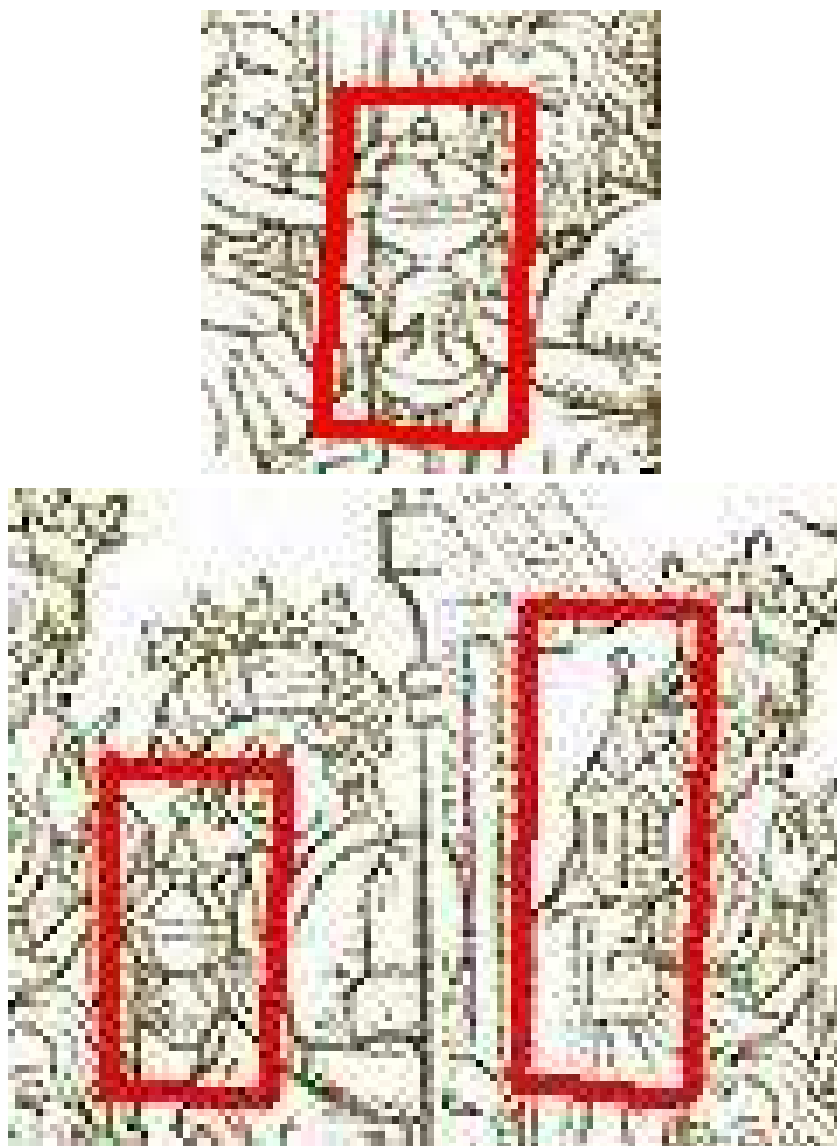


Figura 5– Detalhe da página da Epifania na *Biblia Pauperum*. Os pratos das oferendas dos três Reis Magos. No centro, acima: Gaspar e o ouro; à esquerda, abaixo, Melchior e o incenso; à direita, abaixo, Baltasar e a mirra. *The Bible of the poor*. Edição fac-símile do incunábulo da Biblioteca Britânica (*blockbook C.9 d.2*).

Um dom é um atributo subjetivo que pode ser ofertado a alguém. Já a palavra “presente”, que também pode ser um dom, permite outra interpretação: na atualidade ela possui um significado que a aproxima mais de um objeto de cunho material, que é ofertado a alguém, do que atributos espirituais. Ou, ainda, ambos podem englobar as duas opções; “oferendas” parecem evocar mais uma vez o plano espiritual. Sabemos, pelos evangelhos, que Jesus possuía poderes sobrenaturais; não devemos nos esquecer que curou enfermidades de corpos, como as dos leprosos, e ressuscitou Lázaro dos mortos. Seu dom de cura, tanto do corpo quanto da

alma, era notório, e esse dom pode ser ligado a uma das oferendas dos magos, a mirra.

Quanto aos cálices das oferendas (fig.5), pode-se observar claramente a diferença nas formas destes nas mãos dos três Reis Magos. O rei à frente da imagem, o ancião ajoelhado, que divide o centro da imagem, o primeiro plano, com o Menino Jesus, tem um cálice configurado na forma de uma taça com pé e tampa, no sentido expresso da palavra que nomeia o utensílio. Sua configuração também o aproxima de uma custódia, a taça onde o sacerdote guarda a hóstia consagrada durante a celebração da missa, que é o aspecto simbólico do corpo de Cristo.

O segundo receptáculo, o do jovem imberbe, diferentemente dos outros dois, é uma peça composta por formas geométricas que se parecem muito a uma esfera, também com o pé similar ao da custódia, sobre a qual repousa um cone, ao mesmo tempo em que evoca a urna funerária que guarda as cinzas dos mortos.

Nessa mesma página, como em todas as páginas da *BibliaPauperum*, além da imagem central (a imagem da Epifania com a Adoração dos Magos), encontram-se também duas outras imagens em seus respectivos lados esquerdo e direito, e ainda uma imagem acima e outra abaixo da mesma imagem central: um esquema montado de modo a formar a figura de uma cruz, ilustrada por cenas cujo propósito é remeter ao acontecimento que se desenrola no cruzamento desses retângulos verticais e horizontais (fig.6).

Na terceira moldura à direita de quem olha o tríptico, no centro, na horizontal da folha de papel, podem ser vistos outros três cálices nas mãos de três damas (fig.1). Esse episódio, que se refere à Rainha de Sabá e ao Rei Salomão, e que prefigura a visita dos Reis Magos trazendo oferendas, também apresenta nas mãos das damas, cálices com configurações totalmente distintas entre si, e que divergem, por sua vez, inteiramente das formas dos outros três cálices da cena central dos magos, tudo isso na mesma página. Essa diversidade para a configuração desse elemento da composição mostra a liberdade de interpretação do mesmo, ainda que relativa, porque seguia uma iconografia pré-determinada nas composições. Isso pode ser visto dentro dessas imagens da Natividade na página da Epifania na *BibliaPauperum*, exatamente do mesmo modo como se vê nas pinturas dos séculos XIV e XV, contemporâneas ou de anos anteriores à execução da *BibliaPauperum* ilustrada.

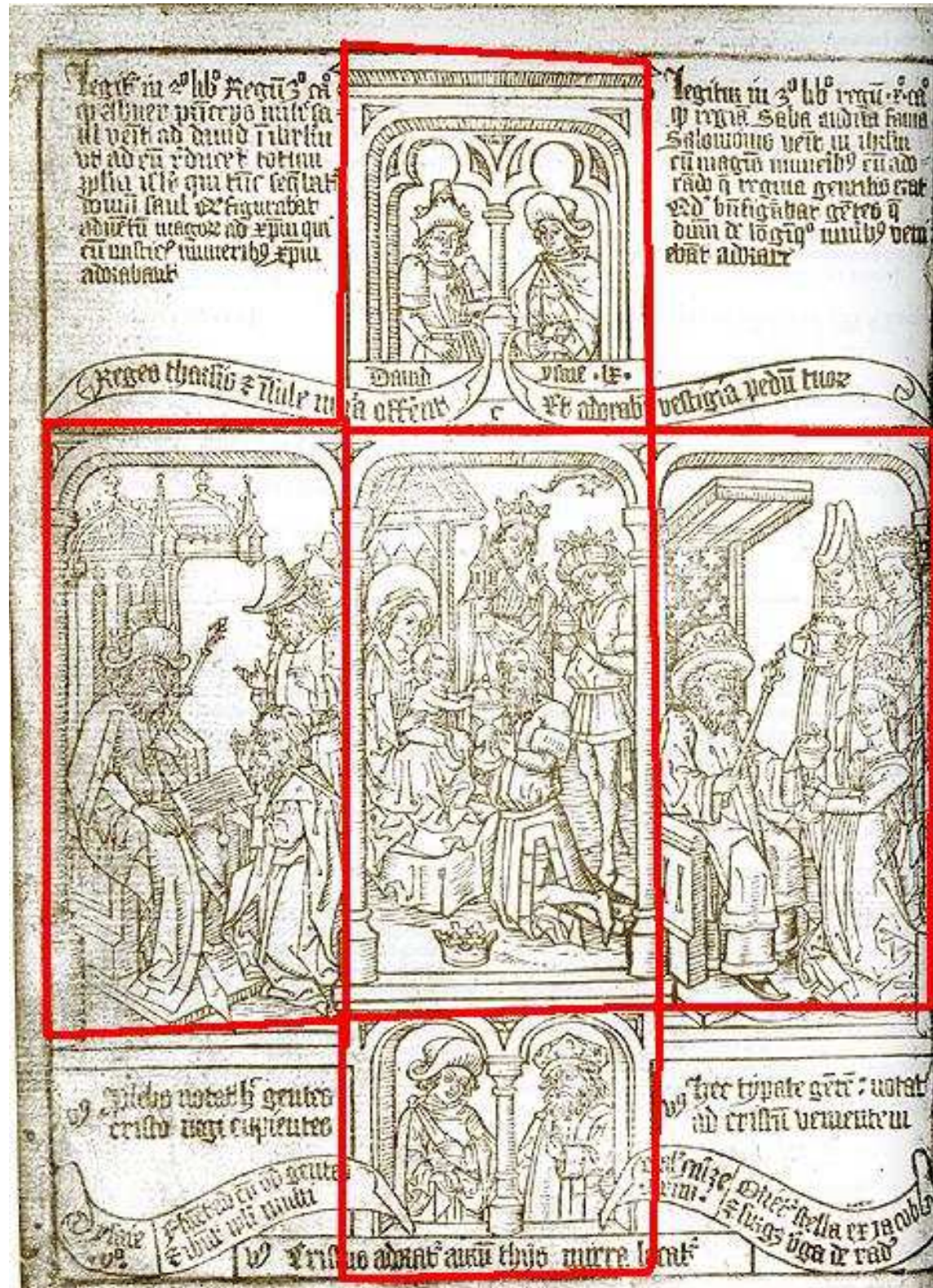


Figura 6– Detalhe da configuração em cruz nas páginas da *Biblia Pauperum*. Edição fac-símile do incunábulo da Biblioteca Britânica (blockbook C.9 d.2).

Em relação a outros elementos da composição que compunham a cena, como por exemplo a estamparia dos tecidos das túnicas e dos mantos dos reis, o tratamento aplicado à Bíblia difere completamente do tratamento aplicado nas pinturas. Na gravura não há muito adorno nas vestes em função do caráter sintético e de apreensão e execução rápida da técnica, que buscava transmitir ao observador, antes de tudo, uma boa compreensão do texto que estava por trás daquela imagem. É certo que existe uma diferença no corte das vestimentas dos três reis, mas o caráter de estamparia e cor descrito pelo texto do Pseudo-Beda e apresentado no mosaico de Ravena do séc. VI não foi trabalhado. Os símbolos foram aplicados com grande economia, sem quase nenhum elemento decorativo. Ornar com detalhes é uma parte da gravação que demanda tempo e habilidade do gravador. O mesmo princípio é válido para a simplificação das linhas dos elementos que compõem as figuras na imagem; as linhas são apenas aquelas necessárias à compreensão das próprias figuras e da cena montada.

Assim, a síntese do texto e da imagem permite uma assimilação mais rápida e precisa do que deve ser memorizado pelo observador e que está ressaltado na imagem e associado ao texto. A gravura é uma técnica barata, de rápida difusão e execução quando a colocamos ao lado do manuscrito iluminado, que é o seu contemporâneo, porém executado com muito mais luxo e riqueza. O uso de modelos simplificados e entalhados como o da *Biblia Pauperum* acelera mais ainda a reprodução da imagem, porque também é de fácil impressão. Esse procedimento permite uma espécie de condensação de informações e o uso dos *loci* (os lugares mentais de memória de São Tomás de Aquino) com certa facilidade. Um exemplo pode ser encontrado na imagem da Epifania da Bíblia: os reis portam turbantes e coroas sobre suas cabeças. As coroas são peças de cabeça dos ocidentais, e os turbantes são os dos orientais. Pelo fato dos magos agora serem Reis Magos, a coroa está colocada sobre o turbante. Reparemos que as coroas e os turbantes, na cena gravada, terminam as suas pontas em forma de cruz, atribuindo, de certo modo, um caráter cristão a esses reis, embora todos saibam que as suas origens estão associadas ao Oriente não cristão; por esse motivo eles portam turbantes na cabeça, que eram objetos usados na Babilônia e na Pérsia. Segundo o desenvolvimento da lenda, os magos seriam astrólogos persas que liam o porvir nas estrelas, mas a carência de informações deu livre curso a especulações de todos os tipos (Réau, 1957: 237).

José está ausente da cena, e a Virgem e o Menino portam auréolas em suas cabeças. Por obra da boa compreensão da imagem, a construção da cena segue uma hierarquia extremamente simples e ordenada por planos que se sobrepõem uns aos outros, hierarquicamente, sem que haja qualquer interferência na leitura de cada um deles. Para começar, o espaço do

desenho é distribuído simetricamente. A primeira regra de memória de São Tomás, a da ordem, está aplicada nesta e em todas as páginas do incunábulo que partem de um mesmo esquema hierarquizado de ordenação e com uma ordem pré-estabelecida de tempo, inclusive entre os eventos retratados na mesma cena, se necessário.

Podemos dividir a composição da Epifania na Bíblia, na imagem da adoração, que está no quadro central da página, em quatro blocos triangulares simétricos dois a dois, que estão ligados entre si exatamente pelo centro da imagem, cujo ponto passa pelas duas diagonais do retângulo entre as colunas que limitam a cena. Em todos os quatro blocos existe um balanceamento quanto ao peso dos elementos na composição, chegando ao requinte de pequenos elementos bem colocados, como a estrela e a coroa fazendo um jogo visual de compensação entre terra e céu na imagem (fig.7).

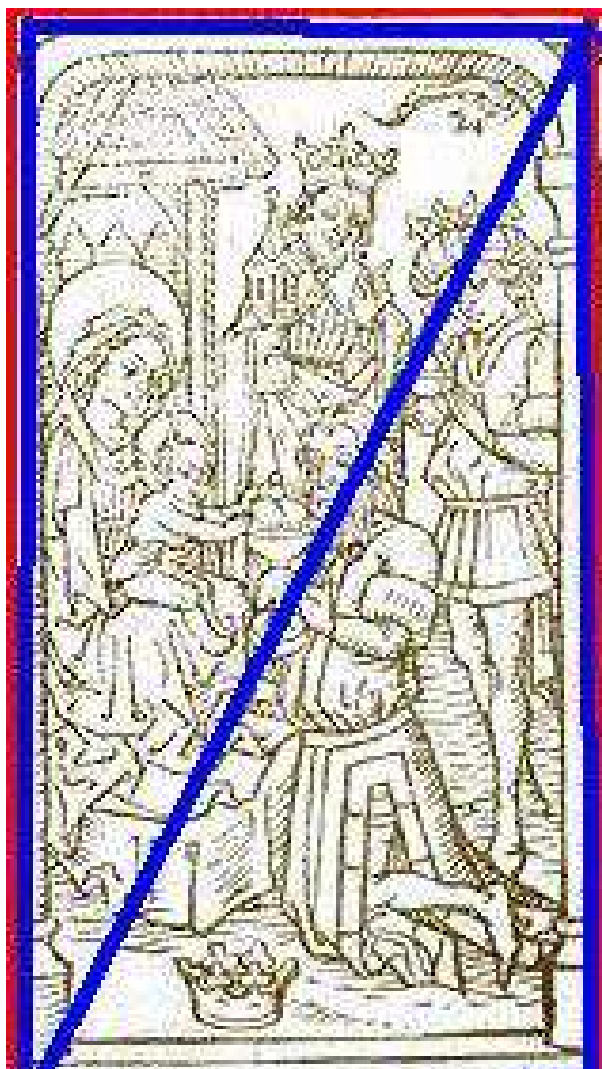


Figura 7– Detalhe da composição do quadro da *Adoração dos Magos* na Epifania da *Biblia Pauperum*: a diagonal entre a coroa no chão e a estrela no céu. Edição fac-símile do incunábulo da Biblioteca Britânica (blockbook C.9 d.2).

A figura do Rei Mago ajoelhado, que compõe o primeiro plano, chama a atenção para o infante e a oferenda que o mesmo rei oferta, para a qual o infante estende as mãos. Existe um segundo plano na imagem, totalmente hierarquizado, onde estão Maria e os outros dois Reis Magos, o que completa cinco personagens presentes na cena.

A Estrela de Belém, como já observamos, escapa a esse plano e foge para o fundo. Ela está colocada acima, à direita, perto das colunas que emolduram a cena, e que por sua vez formam um portal. Este portal nos remete ao portal das Igrejas. A estrela paira no céu, estática, pois já cumpriu a sua função de guia. O menino é visto no colo de Maria, com as mãos sobre o cálice do rei ajoelhado como em quase todas as pinturas dos séculos XIV e XV. Um telhado está como pano de fundo para Maria, provavelmente herdado do Teatro dos Mistérios. Neste também era comum existir no fundo, à direita do palco, uma montanha que representava o paraíso, que também era objeto comum nas encenações. Embora já não faça parte dos elementos da gravura, ela ainda se fazia presente na maioria das pinturas do séc. XIV.

Não fica claro se o telhado é de uma casa ou de uma estrebaria; é apenas um telhado. A imagem é dúbia, porém satisfaz aos dois evangelhos canônicos da infância, o de Mateus e o de Lucas. Em função da utilidade a que se prestava essa Bíblia, o fundo da cena talvez não fosse tão relevante nessa passagem e possivelmente, por isso, não tenha merecido maior atenção; portanto, não foi detalhado dentro dessas edições ilustradas.

A Estrela de Belém, à direita da página, ao alto, é a luminosidade divina que veio guiando os Reis Magos até aquela estrebaria. Ela está citada na profecia em Nm (24:17)³. Não fica claro, nessa imagem, se a estrela é uma estrela ou um cometa, porque ela tem atrás de si um objeto um tanto enigmático, que pode ser interpretado como uma cauda, ou mesmo como uma nuvem.

Já para Giotto (fig.8), o objeto enviado era um cometa. Como a estrela é um sinal divino, ela pode vir representada de uma forma ou de outra, mesmo sem nenhum compromisso com a realidade, pois não há uma representação unívoca para ela. É mais um símbolo do que um objeto astronômico.

³Eu o vejo - mas não agora, eu o contemplo - mas não de perto: Um astro procedente de Jacó se torna chefe, um cetro se levanta procedente de Israel. E esmaga as ténporas de Moab e o crânio de todos os folhos de Set". BÍBLIA de Jerusalém. 5 ed. São Paulo: Editora Paulus, p. 240.



Figura 8 – Giotto di Bondone. *A Adoração dos Magos*, 1304-6. Capela Scrovegni, Pádua.

Se a regra quatro do tratado de memória de São Tomás manda meditar sobre as coisas, esse enigma no canto da página, esse incômodo insolúvel que ora nos expulsa do quadro, para além da moldura, ora nos remete de volta ao todo, efeito causado pela posição da coroa no chão, (fig.7) que puxa o olho, para mais uma vez trazer ao campo de visão o evento que se desenrola no primeiro plano entre o menino e o rei ajoelhado. Assim, a estrela cumpre o papel de guia mais uma vez, agora dentro da composição da imagem. A coroa sofreu um leve deslocamento de lugar, sendo afastada da diagonal formada pela estrela e pelo cálice do rei ajoelhado, propositalmente, ao que parece, para causar um desconforto e levar o espectador de volta ao ato da adoração.

Outro detalhe recorrente e que aparece nessa imagem é que Maria parece estar sentada sobre um trono, em majestade (fig. 9).



Figura 9 – Detalhe da página da Epifania da *Biblia Pauperum*: Maria em Majestade. Edição fac-símile do incunábulo da Biblioteca Britânica (*blockbook C.9 d.2*).

O lugar, porém, é completamente inapropriado para tal peça do mobiliário. Isso se explica facilmente como um símbolo, observando-se o tema de Maria em Majestade como um modelo retirado dos ícones bizantinos.

A regra três do mesmo tratado de memória de Santo Tomás de Aquino, uma associação que bem pode ser uma similitude incomum, coloca Maria na imagem em posição de rainha. Esses pequenos mistérios criam um ponto de interesse que mantém o observador ocupado, atento e circunscrito ao quadrado no qual se desenrola a cena. Esse espaço destinado à estrela é a ponta direita da grande diagonal do retângulo que contém a imagem; ela trabalha a leitura visual da mesma forma que a escrita. A diagonal direita aponta para a mesma direção de leitura da escrita no ocidente, que lê da esquerda para a direita e de cima para baixo; a posição da estrela incita o leitor a descer a página em direção à Maria e ao menino. O olhar aborda a imagem da esquerda para a direita por mero hábito de leitura. Um jogo de composição da imagem, que joga o olhar da frente para o fundo e também do fundo para a frente, simultaneamente, acontece causado por esse elemento, a estrela, colocado à direita e no alto da imagem.

Embora hoje não se conheça uma posição oficial da Igreja sobre a existência e origem dos Reis Magos, que se limita ao que diz o Evangelho de Mateus, o que a tradição popular incorporou à imagem dos magos de certa forma foi aceito pela Igreja. A *Biblia Pauperum* data de meados do séc. XV, e ela tem a aprovação oficial da Igreja para circular como representante dos evangelhos, com respaldo tanto para os textos quanto para as imagens impressas. Como já dito, ela era o instrumento para a conversão utilizado por uma série de monges itinerantes.

Mateus não diz em seu texto que os Reis Magos eram três. Deve haver um motivo maior que tenha levado ao reconhecimento desse número como o da quantidade de magos. Eles estão retratados em número de três desde o mosaico de Ravena do séc. VI; essa foi a tradição visual referente a eles que se manteve e vigora até hoje, tendo sido fixada ainda na Idade Média. Embora isso ultrapasse um pouco o texto bíblico, com certeza sua inserção foi permitida porque em nada podia prejudicá-lo, assim como a variação apresentada nas formas dos cálices e urnas que continham as dádivas ofertadas ao Menino Jesus. A imagem primou de tal forma pela economia de elementos que José foi retirado dela, já que não é uma figura imprescindível nesse momento da história. As vestimentas dos reis diferem entre si provavelmente porque pretendem sugerir suas diferentes ocupações e idades, mas aqui nessa imagem não é apenas o vestuário que os distingue. A cena é conhecida e forte o suficiente no imaginário dos cristãos para permanecer na memória, pois para isso ela foi construída. Seus elementos estão ligados a símbolos familiares ao observador, que sugerem a construção de uma cadeia de memórias de médio e longo prazo que estabelecem ligações mais complexas com outros elementos, que estão ligados a eles por associações internalizadas por meio de conteúdos mais antigos já memorizados (Lévy, 1993: 79-84).

Também como mandam as regras dos tratados de memória que foram aplicadas à imagem, a síntese e a exaltação dos elementos por meio de planos hierarquizados dá às coisas a sua importância relativa; seja pela posição na imagem, ou pela proporção com que se relaciona com os outros elementos, a mensagem que a imagem transmite tende a ser clara. Sua riqueza está presente não nas cores e texturas com que a pintura se enfeita, mas na eficiência de sua composição. Esta pretende dar ao observador a chance de apreender todo o seu conteúdo de um só golpe, criando para isso uma ordem que promove e facilita a leitura da imagem e que procura despertar um sentimento de aceitação para que a memorização seja feita com facilidade. As mensagens ali transmitidas devem alimentar a fé, o júbilo e o temor do cristão.

A imagem da Epifania e todas as imagens da *Biblia Pauperum* têm aplicadas em si as quatro regras do tratado de memória de São Tomás, cumprindo seu papel com primor, e em nenhum momento ferindo os princípios cristãos. Ainda assim seu autor, ou seus autores, tiveram relativa liberdade na ornamentação de alguns dos elementos retratados para poder variar sua configuração; entre eles estão os cálices e as vestimentas dos personagens por toda a página da Epifania na Bíblia.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. 5 ed. São Paulo: Editora Paulus, p. 240.

LABRIOLA, Albert C.; SMELTZ, John W. *The Bible of the Poor*. Ed. facsim. Pittsburg: Duquesne University, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

RÉAU, Louis. *Iconographie de l'art chrétien*. Paris: PUF, 1957.

YATES, Francis. *L'art de la memoire*. Paris: Gallimard, 1966.

Artigo recebido em junho de 2016. Aprovado em julho de 2016